



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}\text{C}$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

O INÉDITO PAVIMENTO CISTERCIENSE DA CIDADE DE ÉVORA

Ricardo D'almeida Alves de Moraes Sarmento¹

RESUMO

No decorrer da intervenção arqueológica no antigo Paço dos Condes de Sortelha, em Évora, foram encontrados vários fragmentos de um pavimento tardo-medieval de tipologia cisterciense.

A existência destes pavimentos é rara em Portugal, tendo sido identificados em Alcobaça, Leiria, Lisboa e Sintra. Neste sentido os exemplares eborenses são os primeiros a serem encontrados a sul do rio Tejo.

O conjunto caracteriza-se por 47 fragmentos que protagonizam nove lajes de pavimento, não estando nenhuma *in situ*. Tratam-se de peças com distintas formas e dimensões tendo à superfície vários vestígios de terem sido cobertas por um engobe vermelho não vidrado.

Esta investigação pretende divulgar este conjunto fazendo uma análise comparativa em relação à sua cronologia, forma e contexto arquitectónico.

Palavras-chave: Pavimento; Cisterciense; Évora; Tardo-Medieval.

ABSTRACT

During the archaeological intervention in the former Paço dos Condes de Sortelha, in Évora, several fragments of a late-medieval pavement of Cistercian typology were found.

The existence of these pavements is rare in Portugal, having been identified in Alcobaça, Leiria, Lisbon and Sintra. In this sense, the examples from Évora are the first to be found south of the Tejo River.

The set is characterized by 47 fragments that feature nine floor slabs. These are pieces of different shapes and sizes, with several traces of having been covered with an red engobe on the surface.

This investigation intends to investigate this set by making a comparative analysis in relation to its chronology, form and architectural context.

Keywords: Floor; Cistercian; Évora; Middle Ages.

1. INTRODUÇÃO

No decorrer do ano de 2019 foi realizado um conjunto de sondagens arqueológicas no interior dos antigos Paços dos Condes de Sortelha, mais concretamente num espaço no qual tinham sido identificados importantes vestígios das Termas Romanas. Apesar do objectivo primário das sondagens ter sido atingir a cota de circulação tanto do *Praefurnium*, como a cota de fundação do *Laconicum*, as várias sondagens permitiram obter importantes informações sobre a evolução arquitectónica dos antigos Paços.

Neste âmbito surgiu a necessidade de realizar uma sondagem vertical no interior da antiga capela. Este

espaço tinha aproveitado a estrutura de planta circular do *Laconicum* atribuindo-lhe uma nova cobertura com uma abóbada nervurada apresentando uma assumida influência renascentista.

Do lado direito do antigo altar, e aproveitando os antigos cunhais romanos, desenha-se um nicho que durante o século XIX foi reutilizado como armário para acondicionamento de documentos. Devido a esta particularidade cronológico/arquitectónica aproveitou-se este local para se remover as várias camadas estratigráficas que se apoiavam no original pavimento romano e terminavam no pavimento cerâmico quinhentista.

O local de intervenção revelava uma grande potên-

1. Câmara Municipal de Évora / 12rsarmento@gmail.com

cia estratigráfica tendo-se começado por registar e retirar todas as lajes cerâmicas do pavimento quinhentista [38]. Este pavimento estava apoiado numa pequena camada de cal hidráulica que por sua vez cobria uma unidade [40] composta por restos de cal solta, areia e pedras de pequena dimensão, tendo no total uma espessura de aproximadamente 40cm. Foi neste contexto que foram encontrados 11 fragmentos do pavimento de tipologia cisterciense.

Na mesma cota foram identificados vários fragmentos que se encontravam encastrados no cunhal do lado direito. A forma como estavam colocados dava a entender que se tratou de um reaproveitamento para fechar uma pequena abertura de formato irregular. Durante os trabalhos foram retirados alguns dos fragmentos para estudo, tendo-se deixado uma bolsa preservada.

Esta unidade encontrava-se sobre um outro pavimento em argamassa [41] que ainda conservava uma laje cerâmica *in situ*. Esta peça encontrava-se extremamente desgastada, fragmentada e com um estado de conservação tão precário que apenas foi possível salvar um fragmento da mesma. As suas dimensões, bem como características morfológicas levantam a possibilidade de ser uma antiga laje de cronologia romana que tenha sido posteriormente reaproveitada. Este pavimento dava a ideia de ter estado associado a uma primeira fase de intervenção neste edifício para o dotar de condições mínimas de adaptabilidade (Fig. 01).

Imediatamente por de baixo foi encontrada uma unidade [42] composta por terra solta que continha materiais de construção e no qual foram exumadas várias cerâmicas islâmicas do século XI, Período das Taifas. Como algumas dessas cerâmicas estavam mesmo junto ao pavimento [41] é deduzível atribuir-lhe uma cronologia entre os séculos XI e XII.

As unidades [43] e [44] estavam associadas às fases de abandono e utilização das termas, respectivamente, tendo-se terminado a sondagem com a descoberta do original pavimento em tijoleira romano [45].

Perante esta realidade é possível constatar uma constante utilização deste espaço, algo que resultou numa sucessão de pavimentos sobrepostos em diferentes cotas. Os fragmentos estudados destacam-se dos restantes pavimentos identificados pelo facto de serem os únicos que apresentam características decorativas. Este facto pressupõe um maior investimento arquitectónicos entre o século XII e o século XVI.

1. CONTEXTO

Fundadas no início do século I d.C. as termas romanas de Évora rapidamente se destacaram como um dos principais edifícios da cidade. Os registos arqueológicos praticamente não fornecem informações sobre a dimensão e organização que teriam numa fase inicial de construção, no entanto, foi possível identificar que a zona do *Laconicum* estaria construída neste período.

Passadas poucas décadas da sua fundação registaram um grande projecto de ampliação e remodelação interna de toda a estrutura. Foi construído o pórtico de entrada, uma possível palestra, *Natatio*, um novo *Frigidarium* e algumas salas de apoio. A planta passou a organizar-se de forma simétrica, estando o *Laconicum* ao centro e utilizando-se um conjunto de regras matemáticas e geométricas para organizar todo o edifício.

Nos finais do século III o edifício voltou a registar uma ampliação, desta vez em direcção a oeste. Esta intervenção demarca-se da anterior tanto pela falta de qualidade construtiva, como pelo abandono da utilização de conceitos geométricos e matemáticos para a criação dos espaços.

Com as drásticas mudanças políticas e sociais do século V o edifício perdeu importância tendo sido desactivado. Até ao século VIII terá funcionado como banco de materiais reutilizáveis para várias construções na cidade, bem como zona que foi tendo progressivas construções de carácter efémero, de reduzidas dimensões volumétricas e cuja função permanece uma incógnita (SARMENTO, 2022).

As centúrias seguintes tornam-se de interpretação confusa, em termos arqueológicos a única estrutura identificada foi um silo que se encontra ao centro do *Laconicum* e que no seu interior continha vários materiais de cronologia islâmica. Não foram identificadas quaisquer estruturas positivas, ou estratigrafias seladas, tendo-se encontrado vários fragmentos cerâmicos distribuídos de forma dispersa por todo o espaço. Em termos historiográficos a situação torna-se ainda mais confusa não havendo referências a este lugar até 1165 quando alguns textos fazem referência ao facto de D. Afonso Henriques (1109?-1185) ter oferecido este espaço a Geraldo Sem Pavor (?-1173) como recompensa pela reconquista da cidade (MATTOSO, 2014: 217). Não se sabe que implicações arquitectónicas decorreram deste evento, no entanto, é importante referir a existência neste quarteirão da Igreja de

Santiago que tem como orago o Apóstolo Sant'Iago, patrono da Reconquista (REI, 2012: 126) (Fig. 02).

Em 1418 D. João I (1357-1433) concede “um pedaço da cava da cerca velha”. Esse troço ficava no lado interno da antiga muralha romana e entre a Porta Nova e a antiga Porta do Talho do Mouro, sendo que esta última foi renomeada para Porta D. Isabel durante o século XVI. Esta mudança de nome está associada à lenda de que neste palácio teria nascido a filha Isabel (1397-1471) de D. João I, motivo pelo qual se teria renomeado antiga porta na muralha romana.

No ano de 1450 Nuno Martins da Silveira (1390-1453) recebe esta propriedade pelo Rei D. Afonso V (1432-1481) descrevendo como uma casa que foi “fundadas onde chamam o castelo velho (...) que a dita torre se mostra segundo sua feiçom se servir para o dito castello e do castello para ella”. Esta nomenclatura de “castelo velho” está associada à existência de uma grande torre militar que se encontra enquadrada no Mosteiro do Salvador, aos vestígios da muralha romana que na época ainda eram visíveis, e aos vestígios das antigas termas romanas. A associação a um antigo castelo foi reforçada com a construção de uma torre com três andares construída sobre o antigo *Laconicum* e aproveitando a estrutura romana. Por volta deste período, ainda que não se saiba a data exacta da sua origem, existe a lenda de que este teria sido o local onde teria vivido Quinto Sertório (122 a.C.-72 a.C.). André de Resende (1498-1572) muito fez para ampliar esta lenda ao anunciar a “descoberta” de epigrafia que faria directa referência ao importante general romano. Apesar de se saber que as referidas epigrafias foram uma falsificação da época, permanece a dúvida sobre se tiveram inspiração em alguma peça original que aí tenha sido encontrada (BILOU, 2020: 64-68).

Com todo este conjunto de mitos, histórias, lendas e vestígios arquitectónicos que remetiam para o período romano não é de estranhar a intenção em criar um “restauro” do lugar assumindo uma linguagem clássica. Nesse sentido em 12 de Março de 1529 começaram as grandes obras no Paço, do qual apenas sobrevive a capela que ocupa o antigo *Laconicum* (CHICORRO, 1996: 59). Tendo mantido a planta circular e a volumetria original do espaço, foi construído um tecto em abóbada abatida polinervurada com várias mísulas e frisos ao gosto renascentista. É neste conjunto arquitectónico que estava inserido o importante retábulo em mármore da autoria de Nicolau de Chanterene (1470-1551).

Referente aos séculos XVII e XVIII não existem informações sobre alterações e acrescentos ao Paço. Em 1881 o edifício foi comprado por José Carlos Gouveia (1844-1908), à data presidente do Município, para aí instalar os Paços de Concelho. Infelizmente esta adaptação resultou na profunda adulteração do espaço e consecutiva destruição de praticamente todos os elementos de valor artístico e arquitectónico (ESPANCA, 1966: 250).

3. DESCRIÇÃO

O conjunto é composto por 47 fragmentos que protagonizam nove tijoleiras de diferentes dimensões e formatos. Em termos formais organizam-se segundo três grupos, sendo o primeiro constituído por tijoleiras de formato rectangular, o segundo grupo contém peças de formato triangular e finalmente o último grupo é composto por uma peça de formato trapezoidal (Fig. 03).

As tijoleiras rectangulares são constituídas por seis exemplares, tendo uma dimensão de aproximadamente 18 cm de largura por 22 cm de comprimento e uma espessura de 2,5 cm. A pasta é de tonalidades claras com uma textura muito arenosa, apresentando como materiais não plásticos restos de conchas trituradas, quartzo, sílica, entre outros e denunciando como provável centro de produção a zona de Lisboa ou Leiria. As arestas foram regularizadas manualmente, mas de forma cuidada. Uma das tijoleiras apresenta uma coloração avermelhada ao centro, tendo os limites da mesma com a mesma cor que as demais.

A superfície apresenta-se muito desgastada pela intensa utilização que sofreu, no entanto, conserva-se em todas elas, em maior ou menor quantidade, vestígios do original engobe que foi aplicado sobre a tijoleira. Este engobe é de coloração vermelha, não era vidrado e apresenta sinais de ter sido aplicado uniformemente sobre a tijoleira, bem como em algumas das laterais.

No grupo das tijoleiras triangulares foram recolhidos dois exemplares. O que se conserva em melhor estado de conservação tem uma dimensão de 12 cm de altura por 8,5 cm de largura na zona mais larga, já não se conservando nenhum dos cantos da mesma. É a peça que conserva melhor o original engobe, estando ainda visível em toda a sua superfície. As laterais foram regularizadas a bisel antes do processo de cozedura, demonstrando um grande cuidado na

sua elaboração.

A outra tijoleira triangular tem 11cm de extensão desde a ponta até à zona que está fragmentada. Esta peça apresenta as faces laterais com sinais de terem sido seccionadas depois da cozedura, devendo-se levantar a possibilidade de lhe ter sido conferida esta forma para preencher algum espaço vazio no pavimento. A última tijoleira é constituída por três fragmentos apresentando uma configuração trapezoidal, da qual devido ao estado de conservação não foi possível determinar com segurança a sua forma original. Apresenta sinais de ter tido as laterais regularizadas a bisel antes do processo de cozedura o que demonstra um assumido cuidado e preocupação com a forma exacta que esta peça deveria obter.

Perante estas características é possível determinar que se tratava de um pavimento que combinava tijoleiras de diferentes formatos, tendo sido moldadas através de formas antes da cozedura, e com uma cobertura em engobe vermelho. Esta realidade aproxima-se em tudo dos pavimentos de tipologia cisterciense que são caracterizados precisamente por estas características decorativas (TRINDADE, 2007: 186-193).

4. PARALELISMOS

O estudo de pavimentos tardo-medievais de tipologia cisterciense é um tema complexo e que em território nacional encontra poucos casos conservados, pelo que se torna fundamental fazer uma análise dos vários exemplos conhecidos. Em termos de distribuição geográfica os exemplos conhecidos são a Abadia de Santa Maria de Alcobaça, o Castelo de Leiria, Palácio Nacional de Sintra e Sé Catedral de Lisboa.

O exemplo mais importante é sem dúvida o caso da Abadia de Santa Maria de Alcobaça e os seus vários pavimentos que foram aplicados no deambulatório, estando datado entre o século XIII e XIV (PLEGUEZUELO HERNÁNDEZ, 2020: 24). Durante as obras de 1939 os referidos foram identificados e confundidos com aplicações do século XVIII tendo por isso sido arrancados e posteriormente enterrados. Entre 1997 e 98 foram realizadas sondagens arqueológicas no local onde tinham sido enterradas as tijoleiras, recuperando-se largas centenas de peças (MARTINHO, 2014: 91-93).

Os pavimentos eram constituídos por tijoleiras que se organizam em 52 formatos diferentes, passando das formas mais simples como quadrados, triângulos

e rectângulos, até formas mais complexas como trapézios irregulares. As chacotas apresentam uma coloração que varia entre a cor clara e o tom vermelho. A aplicação vítrea à superfície é mais variada tendo-se registado quatro técnicas diferentes (Fig. 04).

O primeiro grupo é constituído pela aplicação de vidro directamente sobre a chacota, do qual, através da utilização de diferentes óxidos se conseguiram cores como a verde turquesa, o manganês, melado e branco. Como os pavimentos foram todos levantados perdeu-se por completo a forma como estas cores se combinavam, no entanto, é ainda assim possível verificar que esta utilização cromática não tem paralelo com outras aplicações em território europeu (TRINDADE, 2007: 196). Outra técnica identificada consiste na aplicação de um engobe branco sobre a chacota sendo posteriormente coberto por um vidro que lhe atribuiria a cor final. Esta técnica foi aplicada em tijoleiras de pasta vermelha para que desta forma se consiga “aclarear” a base de forma a que o vidro fique com a cor pretendida. A terceira técnica identificada consiste na realização de elementos decorativos através de linhas incisais sobre a chacota enquanto esta ainda está fresca, posteriormente é aplicado um vidro de coloração negra de forma a proteger e evidenciar os elementos decorativos. A quarta, e última técnica, consiste na prensagem da chacota de forma a criar formas decorativas relevadas. Numa segunda fase era feito um preenchimento do fundo com engobe criando assim um contraste entre o engobe e a decoração. Importa referir que apesar de algumas tijoleiras em Alcobaça apontarem para a utilização desta técnica, a sua existência não foi confirmada.

O Castelo de Leiria revela-se como um local de suma importância para o tema pois conserva dois pavimentos medievais, estando um deles *in situ*.

No que originalmente era o alpendre de recepção da Igreja de Nossa Senhora da Pena encontra-se um pavimento *in situ* que é composto por peças de formato quadrangular e rectangular. O pavimento organiza-se segundo áreas quadrangulares que são preenchidas pelas tijoleiras de forma a compor diferentes padrões (fig. 05).

Em termos morfológicos apresentam dimensões aproximadamente entre os 8 e os 12cm com uma espessura de 3cm. A pasta é clara apresentando vestígios de conchas e outros materiais não plásticos denunciando uma possível produção local. Apesar de toda a superfície dos mesmos já se encontrar extre-

mamente desgastada, é possível observar nas fases laterais que originalmente estavam cobertos por um vidrado sem óxidos corantes conferindo-lhes um efeito “envernizado”.

Actualmente exposto no Núcleo Museológico, e tendo sido retirados do seu local original nas intervenções de 1930/50, existe um importante pavimento medieval que tinha sido originalmente aplicado no Paço mandado construir por D. João I (Fig. 06).

Em termos formais distingue-se bastante do exemplo anterior, existem quase 20 formatos diferentes de tijoleiras abrangendo formas simples com triângulos, quadrados e rectângulos, até formas mais complexas como estrelas de várias pontas, alfradons recortados e trapézios. As dimensões variam entre os 5cm nas peças mais pequenas e aproximadamente 15cm nas maiores, tendo uma espessura de aproximadamente 2cm. Em termos de tratamento de superfície todas as peças estão cobertas por um vidrado com cores que variam entre o roxo manganês, o verde cobre e o melado férrico. (TRINDADE, 2007: 205).

Em termos comparativos estes dois pavimentos não aparentam partilhar a mesma cronologia, nem zona de produção. No primeiro caso as tijoleiras apresentam uma maior espessura bem como um tratamento de superfície muito mais simples e que em tudo se aproxima do caso de Alcobaça. No segundo as peças tem uma pasta mais depurada, são mais finas e apresentam já várias colorações de vidrado. A composição também apresenta diferenças substanciais, sendo que o pavimento da Igreja de Nossa Senhora da Pena é formado apenas por tijoleiras com dois formatos distintos resultando em padrões de uma grande simplicidade. No caso do pavimento do Paço D. João I existe uma maior variedade de formatos e formas de combinação entre eles. As composições apresentam uma clara mistura entre a influência Gótica e Islâmica, algo que remete muito para uma lógica Mudéjar. Perante isto é de se supor que o pavimento da Igreja de Nossa Senhora da Pena deverá ser contemporâneo da reconstrução do edifício devendo datar de 1380/90, estando por isso associado às campanhas arquitectónicas de D. João I, enquanto que o pavimento do Paço deverá ser dos finais do século XV estando associado às campanhas de D. Manuel. Durante a década de 80 foi realizada uma intervenção arqueológica na actual bilheteira do Palácio Nacional de Sintra, tendo-se identificado três silos medievais que continham uma grande quantidade de materiais arquitectónicos no seu interior. Entre

os vários materiais recolhidos encontrava-se um conjunto de cinco tijoleiras vidradas a verde com um formato triangular isósceles e com dimensões de aproximadamente 25 cm de altura e cerca de cinco centímetros de espessura. As faces laterais foram regularizadas com recurso a bisel e a pasta utilizada apresenta uma cor branca composta pela mistura de barro e cal tendo vários nódulos calcários (TRINDADE, 2007: 206).

As suas características morfológicas apontam para peças de grande qualidade técnica e com visíveis semelhanças com alguns exemplares de Alcobaça. Em termos cronológicos os dados arqueológicos apenas permitem confirmar que se tratam de peças anteriores às reformas que D. João I fez no palácio, ou seja, anteriores à primeira década do século XV.

O último local no qual se identificou um pavimento que se insere nesta tipologia é o caso da Sé de Lisboa. Na capela mandada erguer por Estevão Domingues em 1305, localizada no claustro, conserva-se um pavimento constituído por tijoleiras quadradas de 4cm de lado existindo umas maiores que apresentam 7cm de lado (MECO, 1993: 186). Em termos cromáticos apresentam cores como o verde turquesa, branco e manganês, não tendo nenhuma delas elementos decorativos (TRINDADE, 2007: 207). Em termos formais apresentam semelhanças com o pavimento da Igreja de Nossa Senhora da Pena em Leiria. A diferença substancial que existe entre ambas é o vidrado aplicado sobre a chacota, sendo que ao contrário da Sé de Lisboa o pavimento de Leiria não tem quaisquer vestígios de ter tido pigmentação.

Em conclusão a presença de tijoleiras que faziam parte de um pavimento de tipologia cisterciense em Évora revela-se como um caso de suma importância para o tema pois trata-se do primeiro caso identificado tanto no Alentejo como a Sul do Rio Tejo.

5. COMPOSIÇÃO

Mais do que uma simples notícia da descoberta de um pavimento de tipologia cisterciense em Évora, ou a relação geográfica que estabelece com os restantes casos conhecidos e a suma importância que isso acarreta, importa igualmente tentar compreender a sua composição e características decorativas.

Em termos de composição do pavimento muito pouco se pode aprofundar pelo facto de não existir nenhuma tijoleira *in situ* e terem sido todas exumadas de contexto arqueológico. Ainda assim é importante

abordar as diferentes possibilidades decorativas que se conseguem obter graças à existência de tijoleiras com diferentes formatos. Considerando que a grande maioria das tijoleiras tem um formato rectangular é de se assumir que ocupassem uma maior área no pavimento. A tijoleira triangular, e à semelhança do que acontece na Abadia de Alcobaça e em Leiria, tanto poderia ser utilizada para criar “molduras” de forma a subdividir a área total em diferentes painéis, como poderia servir de moldura externa que delimitava todo o espaço. No caso da tijoleira de formato trapezoidal a interpretação fica mais complexa pelo facto de se encontrar fragmentada impossibilitando assim a compreensão da sua forma original. Para reforçar a complexidade de interpretação desta peça é importante referir que não foram encontradas quaisquer tijoleiras que partilhassem a mesma forma em nenhum dos locais identificados em território nacional. Considerando a grande importância que a cor tinha para estes elementos, e apesar do elevado nível de desgaste que as tijoleiras apresentam, é possível notar a presença de engobe vermelho que cobria a superfície de todos os exemplares encontrados. No entanto esta realidade cria um problema cromático, ou seja, se todas as tijoleiras são monocromáticas de vermelho então o pavimento perde a sua componente decorativa, ainda que tenha tijoleiras de diferentes formatos. Outro problema ainda maior é o facto de que se o efeito pretendido era obter um pavimento todo em tons de vermelho, então porquê mandar vir tijoleiras de pasta clara da zona de Leiria e cobri-las com engobe vermelho, quando se poderia simplesmente fazer um pavimento com tijoleiras de pasta vermelha? Esta questão ganha ainda mais pertinência quando se tem em consideração a grande produção de cerâmica que a cidade de Évora tinha a partir da segunda metade do século XIV e do qual a documentação deixa bem claro a variedade e quantidade de peças produzidas, bem como as várias olarias que chegaram a funcionar em simultâneo (TRINDADE, 2007: 90-101).

A resolução para este problema aparenta estar na observação em luz rasante das tijoleiras e no facto de se notar que a superfície das mesmas está ligeiramente empolada na zona central. Esta realidade é contrária ao desgaste natural que uma tijoleira tem, no qual o centro da mesma acaba por ficar concavo, algo justificado pela existência de argamassa nas juntas o que ajuda a reforçar o exterior das mesmas. Ao analisar-se cada uma das tijoleiras é possível verificar que

algumas delas ainda conservam marcas decalcadas, havendo uma delas que apresenta um relevo de formato circular sendo possível notar restos de engobe em torno dessa elevação. Numa outra tijoleira existe uma linha recta que está paralela ao limite da mesma e que demarca claramente uma zona que tem menos espessura. Existe ainda o caso de um outro exemplar que conserva uma elevação central demarcada por um formato semicircular (Fig. 07).

Considerando estes dados parece bastante plausível levantar a possibilidade de que as tijoleiras do Paço dos Condes de Sortelha teriam decoração em figura impressa. Esta técnica consiste na prensagem de um molde sobre a chacota ainda fresca de forma a criar um relevo. Posteriormente é aplicado engobe de forma a preencher a parte mais funda criando um contraste cromático entre a decoração e o fundo. Normalmente era aplicado um vidrado à base de derivados de chumbo, e sem cor, de forma a atribuir um brilho à peça, no entanto, no objecto de estudo não foram encontrados quaisquer indícios de aplicação vítrea. Perante este cenário ter-se-ia um pavimento composto por tijoleiras que apresentavam um “fundo” com a cor vermelha do engobe e uma decoração com a coloração branca da chacota.

Em termos de pavimentos que partilhem a técnica de decoração em relevo o único local no qual existe a possibilidade de terem existido é na Abadia de Alcobaça. Em visita ao local o investigador Rui Alves Trindade fez uma análise detalhada dos pavimentos aí existentes concluindo que existia um pequeno núcleo que apresentava indícios de ter tido este tipo de decoração, ainda que não tenha sido possível confirmar a sua (TRINDADE, 2007: 202). Um dos contra-argumentos que o autor apresenta para o caso de Alcobaça é que as tijoleiras se encontram num local muito exposto e que tem tendência para acumulação de água, algo que poderia dar origem ao desgaste que apresentam. Para além disso é ainda frisado o facto de não se conservarem quaisquer vestígios de engobe que pudessem comprovar a decoração em relevo. No caso eborense o cenário é bastante distinto, tanto pelo facto de se conservarem vários vestígios de engobe, como pelo facto das tijoleiras terem estado enterradas desde o século XVI o que permitiu a sua melhor conservação e protecção contra efeitos de desgaste natural. Como resultado deste cenário é possível calcular que se estará perante o primeiro caso de um pavimento medieval, em território nacional, que apresenta claros vestígios de decorações

de relevo combinados por um enchimento em engobe vermelho.

6. CRONOLOGIA

A análise cronológica do objecto de estudo depara-se com a problemática da inexistência de elementos que estejam conservados *in situ* e com a raridade desta tipologia de pavimentos em Portugal.

As primeiras indicações em termos de datação são provenientes do contexto em que as peças foram encontradas. Considerando que esta tipologia de pavimento é algo directamente relacionado com a arte cristã e que a cidade de Évora só foi reconquistada em 1165 então não deverá ser anterior aos finais do século XII (REI, 2012: 119).

No espaço em que foram encontradas as tijoleiras, para além dos vestígios do *Laconicum* e da respectiva Capela renascentista, existem dois elementos que não se conectam com nenhuma destas funções. O primeiro é um conjunto de duas portas góticas com arco em ogiva, sem imposta, que se encontram em lados opostos do espaço. Estas peças graníticas não apresentam elementos decorativos, mas demonstram um grande cuidado de execução, devendo ser datados entre o século XIV e XV. O segundo elemento é um fresco que se encontrava oculto pelas portas góticas e que foi descoberto nas obras de consolidação e restauro em 2016. Contem uma representação geométrica, remetendo para o tema da heráldica, consistindo numa faixa vertical subdividida em três faixas, estando pintadas a azul, branco e vermelho. Está aplicado directamente sobre o cunhal de um dos nichos do *Laconicum* denunciando que se trata de uma das primeiras, se não a primeira, grande intervenção arquitectónica no espaço. Importa ainda referir que terá de forçosamente ser anterior à colocação das portas em ogiva o que o coloca como uma obra provavelmente atribuível ao século XIV.

Perante estes elementos, e aliado aos contextos estratigráficos identificados, parece poder-se resumir as várias fases construtivas daquele espaço em: construção das Termas Romanas e criação do *Laconicum* durante o início do séc. I d.C.; abandono do mesmo no séc. V; adaptação do espaço a função de habitabilidade durante os finais do séc. XII; dignificação do espaço e adição de elementos decorativos durante o séc. XIV; adaptação a capela privada do Paço com projecto de total renovação do espaço no séc. XVI. Tendo-se concluído a análise dos elementos arqui-

tectónicos associados ao local da descoberta, torna-se fundamental não só analisar as tijoleiras, como tentar estabelecer relações de similaridade/dissimilaridade com os restantes exemplos de pavimentos cistercienses em Portugal.

Em termos morfológicos uma importante informação que foi possível recolher depois da montagem dos vários fragmentos é as dimensões que as tijoleiras tinham. Estas medidas correspondem ao antigo Palmo, considerada a unidade-base, que foi utilizada durante a Idade Média e tendo sido substituída através das reformas de D. Manuel I (1469-1521) que ocorreram entre 1499 a 1504. Esta informação permite deduzir que se tratam de peças anteriores ao final do século XV, algo coerente com esta tipologia de tijoleiras e com a estratigrafia identificada (BARROCA, 1992: 54).

No campo do formato das tijoleiras o exemplo da tijoleira em triângulo isósceles, com as suas arestas biseladas, permite criar relações de similaridade com outros locais. Este exemplar apresenta fortes similaridades com o caso da Abadia de Alcobaça e com as peças do Palácio Nacional de Sintra. No entanto a grande diferença encontra-se na técnica decorativa utilizada, enquanto que em Alcobaça e Sintra as tijoleiras foram cobertas com um vidrado verde, no caso Eborense foi aplicado apenas um engobe vermelho. Esta diferença não é significativa do ponto de vista cronológico pois ambas as técnicas eram utilizadas durante os séculos XIII e XIV.

No grupo das tijoleiras rectangulares, o seu formato não permite fazer uma análise comparativa, da mesma forma que a técnica de figura impressa não apresenta paralelismos conhecidos em Portugal. Em termos cronológicos é importante referir que esta técnica, apesar de ter surgido em Inglaterra em 1230, teve o seu grande desenvolvimento e utilização um pouco por toda a Europa durante o séc. XIV (TRINDADE, 2007: 185).

Considerando todas as informações relativas tanto ao contexto arqueológico e arquitectónico em que foram identificadas, parece ser plausível atribuir uma cronologia que estará algures durante o século XIV. É igualmente possível deduzir que este pavimento tivesse alguma relação com o fresco encontrado por detrás do arco em ogiva, pelo que deve corresponder a uma campanha arquitectónica de valorização do espaço que se registou nesse período. Perante esta atribuição cronológica, e comparando tanto com os exemplares de Sintra, como com o caso

de Leiria, o caso Eborense apresenta-se como o mais antigo caso desta tipologia de pavimento em contexto de arquitectura civil.

É importante referir que no século XIV, do qual D. João I e a Dinastia de Aviz foram os principais percursores, foi registado uma melhoria significativa na construção de espaços de arquitectura civil. Esta tendência pretendia seguir os mais recentes modelos europeus que valorizavam os espaços civis de forma a criar melhores condições de habitabilidade. (TRINDADE, 2007: 204).

7. CONCLUSÃO

Durante 2019 foi realizado um conjunto de 12 sondagens arqueológicas no interior do antigo Paço dos Condes de Sortelha com o intuito de compreender melhor os vestígios das Termas Romanas que se encontram no local.

Neste âmbito foram exumados vários fragmentos de um pavimento de tipologia cisterciense que se encontravam descontextualizados. Os 49 fragmentos organizavam-se em 9 tijoleiras que se subdividiam em formatos rectangulares, triangulares e trapezoidais. A pasta é de coloração clara apresentando à superfície restos da aplicação de um engobe vermelho. Em análise cuidada à superfície das tijoleiras foi possível deduzir que originalmente foram decoradas com a técnica de figura impressa. Esta técnica resulta numa tijoleira que apresenta uma decoração em relevo e cuja zona mais baixa da mesma é preenchida com engobe de forma a criar um contraste cromático. Devido à grande raridade desta tipologia de pavimentos foi necessário fazer um estudo a nível nacional de forma a identificar os locais que ainda os conservam, as suas características e cronologia de aplicação. Foram identificados exemplos semelhantes em contexto religioso na Abadia de Alcobaça, Igreja de Nossa Senhora da Pena em Leiria e Sé de Lisboa. Na arquitectura civil identificou-se o Paço D. João I em Leiria e o Palácio Nacional de Sintra.

A análise comparativa entre as tijoleiras encontradas em Évora e os restantes exemplares conhecidos permitiu deduzir que se trata de um caso único a nível nacional por ser a primeira vez que se identificam tijoleiras em técnica de figura impressa. Em termos geográficos foi ainda a primeira vez que se regista um pavimento de tipologia cisterciense a sul do Rio Tejo. Em termos cronológicos foi realizada uma relação entre o contexto arqueológico em que as peças fo-

ram encontradas com todos os elementos arquitectónicos que caracterizam o espaço envolvente. Dessa forma foi possível concluir que o pavimento estava inserido numa grande renovação arquitectónica de melhoria das condições de habitabilidade, tendo ocorrido durante o séc. XIV. Em comparação com as prováveis aplicações de pavimentos desta tipologia em contexto civil, foi possível levantar a possibilidade deste achado ser o exemplar mais antigo em território nacional.

Aludindo à história e estórias não confirmadas relativas ao Paço dos Condes de Sortelha, não deixa de ser muito interessante a relação cronológica e de contexto que este pavimento estabelece com a ideia de que D. Isabel, filha de D. João I, teria nascido neste local. Tanto no Paço de Leiria, como no Paço Nacional de Sintra, os pavimentos de tipologia cisterciense identificados estão associados a obras realizadas durante o tempo de D. João I. Apesar de não se poder confirmar que o caso eborense também esteja associado a esta regência, pode-se sim confirmar que está em total coerência com as intervenções por ele realizadas. Associando este facto à ideia, que ainda hoje dá nome à rua que dava acesso ao Paço de que o monarca teria passado por este Paço, levanta-se a possibilidade sobre se não haverá de facto algo de verdadeiro nessa estória.

BIBLIOGRAFIA

BARROCA, Mário (1992) – Medidas-Padrão Medievais Portuguesas. Em: “*Revista da Faculdade de Letras, II Série, Vol.9*”, Faculdade de Letras do Porto, Porto, pp. 53.86.

BILOU, Francisco (2020) – “*Nicolau Chanterene: Um insigne escultor em Évora, 1532-1542.*”, Edições Colibri.

CHICHORRO, Maria (1996) – “*O Espaço Centrado na Arquitectura Portuguesa do Renascimento*”, Dissertação de Mestrado em História de Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

ESPANCA, Túlio (1966) – “*Inventário Artístico de Portugal. Concelho de Évora*”, Academia Nacional de Belas-Artes, Lisboa.

MARTINHO, Ana (2014) – “*Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça. Contributos para a história do restauro da Igreja e da Sacristia Nova (1850-1960)*”, Várzea da Rainha Impressores, Óbidos.

MATTOSO, José (2014) – “*D. Afonso Henriques*”, Círculo de Leitores e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

MECO, José (1993) – “O Azulejo em Portugal”, Publicações Alfa, Lisboa.

PLEGUEZUELO HERNÁNDEZ, Alfonso (2020) – Un patrimonio compartido / Azulejos españoles en la colección Berardo. Em: “800 anos de história do azulejo”, Gráfica Maia Douro, Maia, pp. 21-220.

REI, António (2012) – Geraldo Sem Pavor, a conquista de Évora e a origem da família Pestana. Em: “Raízes & Memórias, nº28”, Associação Portuguesa de Genealogia, Lisboa, pp. 119-126.

SARMENTO, Ricardo (2022) – A geometria aplicada à Évora romana: da malha urbana às termas. Em: “Arqueología de la Arquitectura, nº19”, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, pp. 1-29.

SIMÕES, João (1969) – “Azulejaria em Portugal nos Séculos XV e XVI”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2ª ed., 1990).

TRINDADE, Rui (2007) – “Revestimentos Cerâmicos Portugueses. Meados do século XIV à primeira metade do século XVI.” Edições Colibri, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

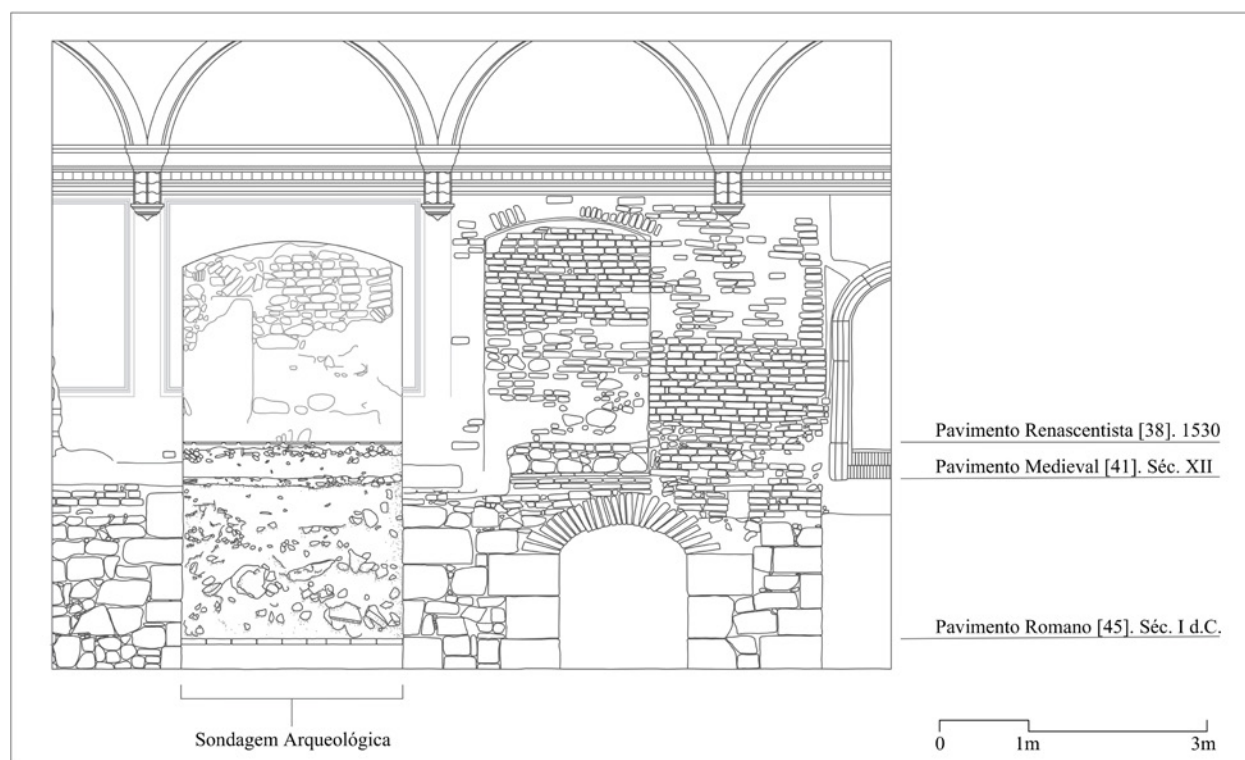


Figura 1 – Marcação da sondagem e respectivos níveis de pavimento identificados.



Figura 2 – Localização do Paço dos Condes de Sortelha na cidade de Évora.



Figura 3 – Tijoleiras associadas ao pavimento de tipologia cisterciense de Évora.



Figura 4 - Pavimento cisterciense no deambulatório do Mosteiro de Alcobaça.

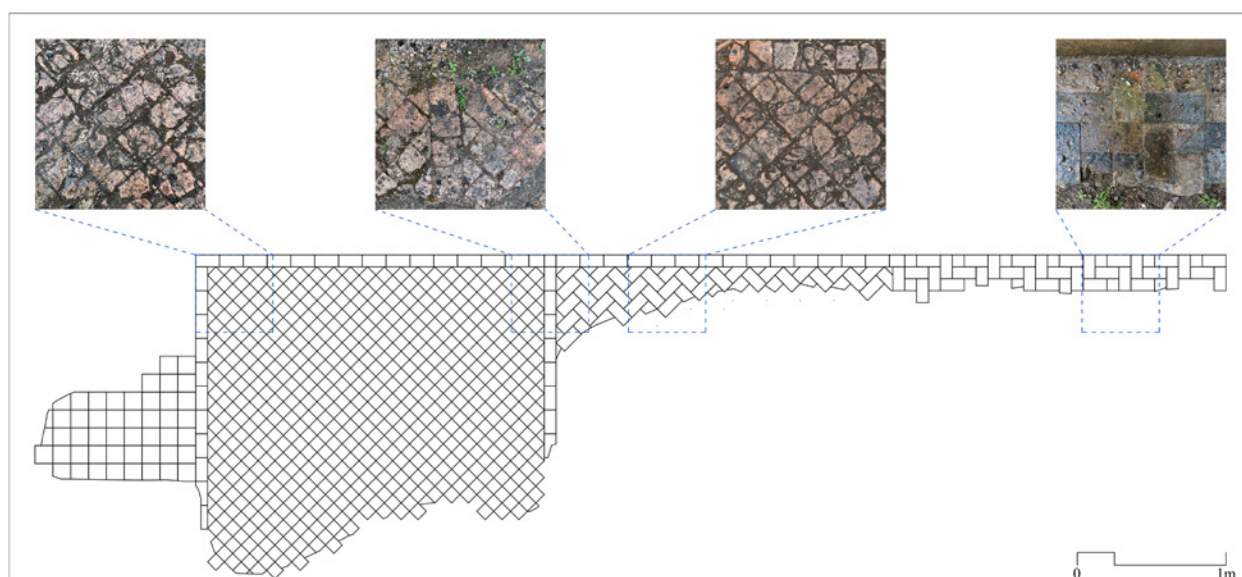
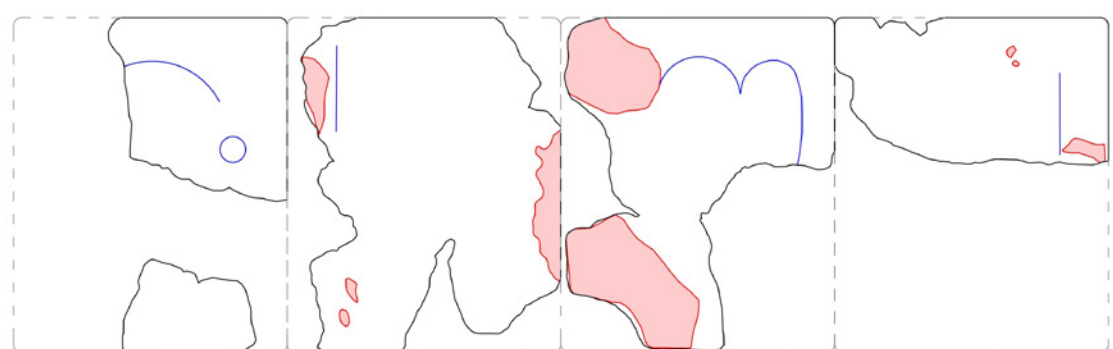


Figura 5 - Representação do pavimento da Igreja de Nossa Senhora da Pena em Leiria.



Figura 6 – Pavimento do Paço D. João I no Castelo de Leiria.



Decoração



Reconstituição



— Marca de Relevô

■ Vestígio de Engobe

Perfil

Figura 7 – Representação das tijoleiras com marcação de vestígios dos elementos decorativos.

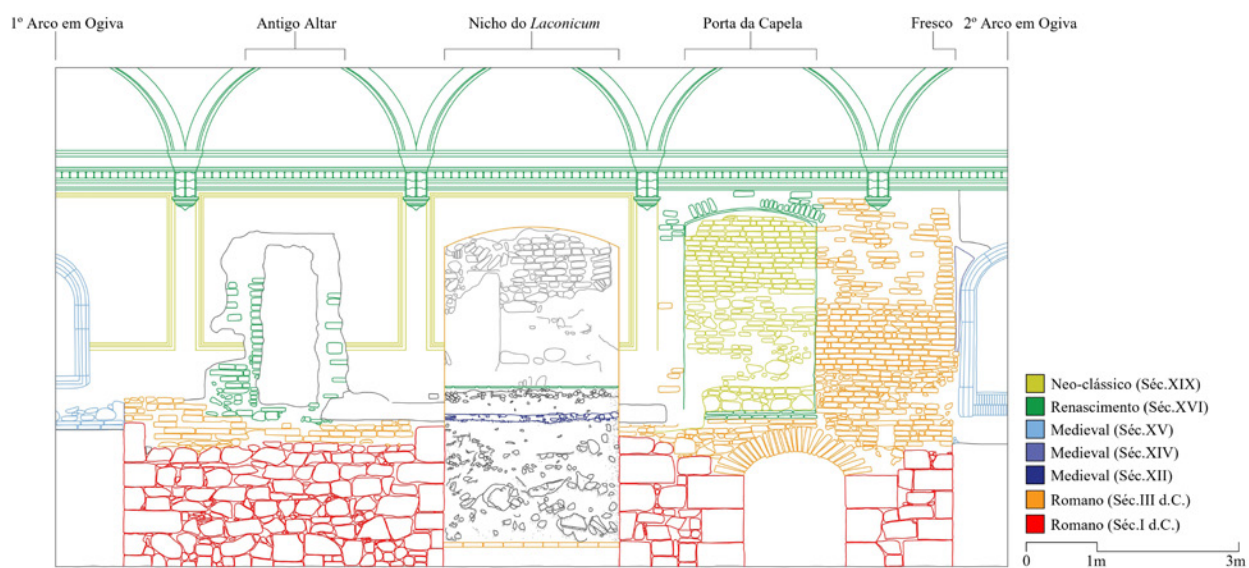


Figura 8 – Esquema do alçado de parte do Laconicum no qual são assinaladas as várias fases construtivas.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**